

## **O BRINQUEDO: AS PERSPECTIVAS DE WALTER BENJAMIN E VYGOTSKY PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA**

**Carlos Augusto Pereira Gonçalves**

Para a discussão do tema, utilizar-se-á como embasamento teórico, Vygotsky(2007) por sua perspectiva teórica histórico-cultural e Walter Benjamin(2004) pela grande contribuição de idéias evidenciadas na corrente da Teoria Crítica. A escolha dos autores anteriormente citados justifica-se por ambos possuírem obras relacionadas ao papel do brinquedo, a partir de uma perspectiva social, cultural e história na formação do sujeito e da construção do brinquedo. Este fator possibilita uma interpretação dialética por meio de suas produções intelectuais compromissadas com o grupo social, que pretenderam conhecer o papel que a sociedade exerce no sujeito. Neste sentido, a relação teórica entre os dois autores já citados, se dá neste texto, de forma dialética sendo apresentada no final a síntese de suas ideias sobre o brinquedo e uma possível proposta como resultado desta reflexão.

**Palavras-Chave: Vygotsky. Benjamin. Brinquedo.**

O objetivo deste trabalho é discutir o papel do brinquedo relacionando nesta pesquisa as obras de Vygotsky(2007) e Walter Benjamin (2004). Neste sentido estudar-se-á capacidade do brinquedo de promover o desenvolvimento e a aprendizagem da criança segundo Vygotsky(2007), bem como a construção da relação criança-brinquedo-sociedade de acordo com Walter Benjamin (2004). Por conseguinte, as questões que nortearão este trabalho em sua concomitância de ideias, são: Qual o papel do Brinquedo na visão de Vygotsky e de Walter Benjamin? Que diálogo há na relação sociedade-brinquedo-infância? De que forma o papel do brinquedo quando praticado na educação infantil, pode promover a liberdade de pensamento e expressão para a criança?

Tal análise implicará a importância das leituras de Vygotsky (2007), pois a visão que se tem sobre a materialidade do brinquedo, ou seja, a forma como foi construído, levar-se-á a análise das conexões da sociedade no seu contexto histórico-cultural com as crianças. A constituição da materialidade do objeto possui duas relações; a função do objeto e o seu significado. São estas duas relações que caracterizam o aspecto histórico-cultural do objeto e a ação na sociedade e que serão refletidos neste trabalho por meio da visão dialético-

materialista, ou seja, serão analisados os aspectos históricos e psicológicos que fazem com que o fenômeno do brinquedo seja crucial na formação dos sujeitos. Analisar o brinquedo como objeto em sua materialidade implica analisar de forma crítica a sociedade, já que não há separação da função e significado do brinquedo com o sujeito histórico, pois é um atributo do brinquedo mediar sujeito e sociedade, para isso usar-se-á as teorias críticas da sociedade, na visão de Walter Benjamin (2004).

O brinquedo é uma atividade que proporciona o desenvolvimento psicológico e cultural evidenciados na infância. Portanto, o brinquedo é um exemplo de instrumento mediador que possui uma funcionalidade e um significado como objeto quando construído socialmente e outro significado quando uma criança se propõe a utilizá-lo. Sua funcionalidade e seu significado são peculiares, pois parte não somente da função do objeto, mas de como a criança significará este objeto, e esta é a análise que Vygotsky (2007) se propõe, o que se verá a seguir neste trabalho.

Ignorar o brinquedo no mundo infantil é simplesmente negligenciar a imaginação e os desejos da criança, que se desenvolvem de forma significativa pelo uso do lúdico e a relação que possui com as motivações do mundo externo. Em outras palavras, é uma forma de atividade, usada pela criança na interação com seu contexto. Vygotsky (2007, p. 107) escreve: “... parece-me que as teorias que ignoram o fato de que o brinquedo preenche necessidades da criança nada mais são do que uma intelectualização pedante da atividade do brincar.” O brinquedo não é apenas uma atividade que proporciona prazer que possa ser prescindida, é algo que faz parte da maioria das ações no universo que revelam as condições do desenvolvimento na infância, e hoje é um meio utilizado pela educação infantil para atingir seus objetivos pedagógicos com crianças. Vygotsky (2007) continua;

...se ignorarmos as necessidades das crianças e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio de desenvolvimento para outro, porque todo avanço está conectado com uma mudança acentuada nas motivações, tendências e incentivos. (VYGOTSKY, 2007, p.108)

Para Vygotsky (2007) o que torna a atividade de brinquedo um meio de suprir a necessidade da criança, é que dentro desta atividade a criança pode realizar desejos que não são realizáveis em seu mundo imediato. É uma das formas que a criança tem de se relacionar com os inúmeros fatores que lhe são novos e curiosos. De acordo com Vygotsky (2007, p. 108), “...se as necessidades não realizáveis imediatamente não se desenvolvessem durante os

anos escolares, não existiriam os brinquedos, uma vez que eles parecem ser inventados justamente quando as crianças começam a experimentar tendências irrealizáveis.” A criança usará seu lúdico para realizar o que na vida real não pode, por exemplo, brincar de estar dirigindo um carro, de ser mãe, etc. Evidentemente, uma criança não consegue dirigir, ser mãe, montar um cavalo, etc. Mas, para resolver este problema, segundo Vygotsky (2007, p. 109) “... a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo.” Ou seja, o mundo do brinquedo é onde a criança terá a liberdade para fazer o que ela não pode fazer no mundo real, usando a imaginação e despertando seu lado lúdico. A criança usará este mecanismo para satisfazer suas curiosidades e desejos, o que a colocará em contato com certas regras sociais. Assim sendo, ao brincar e imaginar uma brincadeira, a criança estabelece critérios que darão o aspecto de como será a brincadeira, criando assim uma situação imaginária que traz elementos do mundo real, das regras e normas sociais do conhecido ‘mundo adulto’. A criança significa a brincadeira usando sua imaginação e criando situações no brincar em que a imaginação não é simplesmente o oposto do mundo real (as regras). A imaginação, o lúdico vai de encontro ao mundo real, só que, em sentido distinto, pois, é uma forma de satisfação que a criança encontra ao lidar com os empecilhos de suas condições.

Se todo brinquedo é, realmente, a realização na brincadeira das tendências que não podem ser imediatamente satisfeitas, então os elementos das situações imaginárias constituirão, automaticamente, uma parte da atmosfera emocional do próprio brinquedo. Consideremos a atividade da criança durante o brinquedo. (VYGOTSKY, 2007, p. 110)

A criança estará aprendendo a lidar com situações imediatas. Por exemplo, brincar de ser mãe, implicará que ela imagine o que é ser mãe e signifique aquele papel social no ato de brincar. É onde a criança ligará brinquedo e realidade, pois, segundo Vygotsky (2007, p. 111) “... o que na vida real passa despercebido pela criança torna-se uma regra de comportamento no brinquedo.” Uma criança não anotará no papel como é ser mãe em aspectos ruins ou bons, a criança buscará em seu contexto se desejar, relacionar o comportamento de ser mãe, para realizar brincando um desejo que não é realizável no momento por sua condição biológica.

O brinquedo possui uma relação imprescindível com situações do mundo real que exigem regras, pois, de acordo com Vygotsky (2007, p. 111); “O que restaria se o brinquedo fosse estruturado de maneira que não houvesse situações imaginárias? Restariam as regras.” Regras que possuem origem no momento em que a criança está brincando, e que

evidentemente podem ser observadas em todas as brincadeiras, porque a própria criança se subordina a estas regras, e por fim, é o que de certa forma gera prazer em criar situações de fuga da realidade e ao mesmo tempo de proximidade, neste momento, a criança já não se vê alheia, pois, é participante do processo mesmo que seja uma situação de faz-de-conta do contexto social.

São dois os motivos que Vygotsky (2007) aponta como importantes na situação do brincar para a criança:

No brincar a criança consegue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brincar está unido ao prazer – e, ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se às regras e, por conseguinte, renunciando ao que ela quer. (VYGOTSKY, 2007, p. 117 e 118)

Portanto, o prazer e o cumprimento de regras estão unidos na brincadeira, são estes dois fatores que facilitam o esforço da criança na realização de seus desejos. Dois motivos que provocam interação dos aspectos cognitivos da criança com o meio cultural, e que são inseparáveis para a realização da brincadeira. A regra acaba sendo a ligação que a criança procura com mundo externo para realizar seus desejos, ou seja, segundo Vygotsky (2007, p. 118); “... o atributo essencial do brincar é que uma regra torna-se um desejo.” A criança internaliza nas brincadeiras o papel de ser mãe ou quando brinca de carrinho seguindo regras de trânsito, quando brinca de cavalinho sabendo montar e galopar por campos imaginários, etc. Quando na realidade não possui esta possibilidade de ser a referência social destas regras.

... o brincar cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um ‘eu’ fictício, a seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brincar, aquisições que no futuro tornam-se seu nível básico de ação e moralidade. (VYGOTSKY, 2007, p. 118)

As ações da criança no brincar a levam a subordinação de regras, a criação de um ‘eu’ fictício para que a brincadeira dê certo, neste ‘eu’ a criança potencializa a moralidade que passa a fazer parte deste novo ser que surge na brincadeira. Desta maneira a criança aprende a se relacionar com o mundo a sua volta, provocando o desenvolvimento cognitivo, por isso Vygotsky (2007) menciona que pelo brincar a criança terá aquisições significativas de ação moral para o futuro.

Para Vygotsky (2007), o brinquedo é um dos fatores de mediação entre criança e sociedade. O indivíduo (ontogenético) é inseparável dos processos sociais que o envolve (sociogenético), o desenvolvimento do indivíduo depende desta interação, e a situação de brinquedo na infância é fluente na mediação que provoca esta interação. Segundo Vygotsky (2007, p. 119): “As ações internas e externas são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos conduzidos pela ação externa.” Os desafios externos motivam a criança a desejar, imaginar, interpretar e significar a situação que a envolve culturalmente. Para tanto, a criança no brinquedo precisa significar suas ações, este comportamento é característico das ações humanas, é o início do desenvolvimento social para a criança.

Tentando entender a infância, pode-se constatar pelas ideias de Benjamin (2004) que uma das formas das crianças interagirem com o mundo a sua volta é a situação imaginária. A situação imaginária, liberta a criança das dificuldades que a cercam, pois, é pela imaginação que a criança pode criar uma espécie de mundo próprio. Esta ação é característica da situação lúdica que envolve o brinquedo. Para Benjamin (2004, p.85); “Não há dúvida que brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si um pequeno mundo próprio...” O momento de criação para a criança é o prazer de brincar, de sentir-se livre nas regras da brincadeira em que a própria criança se deu. Benjamin (2004) afirma que até mesmo o adulto em situações difíceis na vida também procura um pouco de fantasia similar a da criança. Pois, segundo Benjamin (2004, p.85); “... o adulto, que se vê acochado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada.” Na segunda guerra mundial, por exemplo, Benjamin pôde constatar que foi o período em que houve mais interesse por livros e jogos infantis. Em seu relato, podemos entender a importância que é a situação lúdica para o ser humano: “A banalização de uma existência insuportável contribuiu consideravelmente para o crescente interesse que jogos e livros infantis passaram a despertar... (BENJAMIN, 2004, p. 85).” O brinquedo e a atividade de brincar são inseparáveis na situação imaginária que tem por fim, dar justamente este sentimento para criança, que é o de libertação no ato de imaginar.

A grande crítica de Benjamin (2004) à sociedade é que os homens do mundo moderno, após a revolução industrial, transferiram a lógica das relações dos adultos para o brinquedo. A inovação na fabricação de brinquedos com a preocupação de vendê-los, e o uso de novos materiais com a preocupação de produzi-los em massa, ou seja, de produzir capital, fizeram

com que os brinquedos ganhassem patentes, e que seu sinônimo de diversão fosse poder comprá-lo. O que antes os adultos jogavam fora para chamar a atenção da criança; como um pedaço de madeira, uma caixa velha, um cabo de vassoura, uma espiga de milho, etc. Até mesmo os adultos que antes brincavam com esses materiais rudes quando crianças, agora passam a olhar com estranheza para a forma como concebiam a atividade de brincar. Este é o homem moderno. Segundo Benjamin (2004), é comum a seguinte situação; “‘Já não se tem mais isso’, ouve-se com frequência o adulto dizer ao avistar um brinquedo. Na maior parte das vezes isso é mera impressão dele, já que se tornou indiferente a essas mesmas coisas que por todo canto chamam a atenção da criança.” Há um relacionamento profundo entre o mundo infantil e o adulto, é nesta relação que acontece a educação, pois a criança não se educa sozinha. É preciso observar a linguagem do mundo infantil, e as situações imaginárias do brinquedo nos mostram muitas nuances de como se comporta a criança. Por isso, Benjamin (2004, p. 86) argumenta que; “... jamais são os adultos que executam a correção mais eficaz dos brinquedos – sejam eles pedagogos, fabricantes ou literatos -, mas as crianças mesmas, no próprio ato de brincar.” Se observamos essa situação, podemos muito bem entender a visão da realidade que a criança tem a sua volta. Benjamin (2004, p. 87) dá um exemplo interessante sobre este aspecto, dizendo que; “Uma vez extraviada, quebrada e concertada, mesmo a boneca mais principesca transforma-se numa eficiente camarada proletária na comuna das crianças.” Pensando de forma contemporânea, a criança pode muito bem pegar uma boneca ‘Barbie’ e torná-la a boneca mais feia, ou a mais suja de sua coleção. Porém, será que não olharíamos com espanto para tal cena? A maioria das “Barbies” são bonitinhas, limpinhas e caras para serem sujas ou quebradas e até mesmo deixadas de lado, eis uma situação provável.

Benjamin (2004) defende que a criança deve dominar a relação brinquedo-criança. Para entendermos esta crítica, precisamos evidenciar a forma como os brinquedos são produzidos. Assim sendo;

Quando no decorrer do século XVIII, afloraram os impulsos iniciais de uma fabricação especializada, as oficinas chocaram-se por toda parte contra as restrições corporativas. Estas proibiam o marceneiro de ele mesmo pintar as suas bonequinhas; para a produção de brinquedos de diferentes materiais obrigavam várias manufaturas a dividir entre si os trabalhos mais simples, o que encarecia sobremaneira a mercadoria. (BENJAMIN, 2004, p.90)

No início da era industrial as fabricações passaram ser especializadas e pertencerem a uma lógica de produção em massa, para atingir um sucesso econômico. Foi o que aconteceu com o brinquedo, que antes era fabricado por pequenas oficinas artesanais. Graças à produção

em massa e a divisão do trabalho os brinquedos ganharam um valor de mercadoria, então a venda de brinquedos passou a ser feita por comerciantes específicos. Que por sua vez, vendiam brinquedos específicos também. Enfim, o que antes era considerada como uma atividade de brincar, a construção do brinquedo com a própria criança, deixou de ser no momento em que se criou a necessidade de que os brinquedos já viessem prontos em prateleiras. O que antes os pais poderiam construir com os filhos, passou a ser feito por especialistas da indústria de brinquedos. Assim, o brinquedo antigo feito com materiais rudes, passou a ser visto com estranheza pelos adultos que educam suas crianças. E a normalidade da brincadeira passou ser comprada, a própria situação imaginária passou a ser vendida juntamente com o brinquedo. A consequência deste fenômeno aparece claramente nas palavras de Benjamin (2004, p. 91) ao dizer que; “Uma emancipação põe-se a caminho; quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai ao controle da família...” e dos educadores. Um brinquedo completamente pronto e com situação imaginária comprada é emancipado da criação da criança. Um exemplo muito comum é o brinquedo com várias versões, ou seja, para brincar mais, a criança tem que ter (comprar) a versão ‘dois’ de determinado brinquedo. O que faz o brinquedo é a situação imaginária. Porém, quanto mais a industrialização controla a fabricação dos brinquedos, mais a situação imaginária que antes era uma criação livre da criança, põe-se a serviço da imitação do mundo adulto. Com isso, a própria atividade de brincar, que é livre, fica refém desta situação.

Com estas observações Benjamin (2004, p.93) deixa claro que o mais importante é deixar que a criança em uma situação imaginária da brincadeira resolva seus conflitos, pois;

... talvez se possa esperar uma superação efetiva daquele equívoco básico que acreditava ser a brincadeira da criança determinada pelo conteúdo imaginário do brinquedo, quando, na verdade, dá-se o contrário. A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, que brincar com areia e torna-se padeiro... (BENJAMIN, 2004, p.93)

Então, em um suposta lógica de relação: ‘Brinquedo-criança ou Criança-brinquedo’, é evidente que a posição de Benjamin é dialética em que prevaleça a possibilidade imaginária. Por conseguinte, podemos afirmar que quanto mais o brinquedo imita, por si só (como vem sendo produzido) a lógica das relações dos adultos, no caso de países capitalistas a lógica do capital e da indústria, mais deixa de ser fruto da imaginação. O que é equivalente a brincadeira é a criação e liberdade da criança, o que ultimamente vem perdendo espaço para os brinquedos industrializados.

Estas conclusões somente são possíveis porque existe uma profunda ligação entre a criança, o brinquedo e a sociedade. Pois a criança não é algo isolado, nem possui conhecimentos ‘a priori’ de suas relações com o mundo externo. É um ser cultural, e que demonstra traços de cultura nas suas brincadeiras. De acordo com Benjamin (2004, p. 94) as crianças “... fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo entre criança e povo.” Os traços da industrialização do brinquedo se encontram na sociedade capitalista, onde o que impera é o consumo e o individualismo, nesta situação o brincar é submisso a sociedade industrial. Por isso, a grande crítica é a de que os brinquedos estão sendo produzidos, propondo a situação imaginária para as crianças vendidas em pequenos pacotes nas prateleiras.

O brinquedo é uma significação da situação imaginária que as crianças dão à realidade, por isso, não é um jogo cujo propósito para Benjamin (2004) é somente a imitação. Mesmo assim, a situação do brincar possui muitos confrontos; a criança quando cria uma situação imaginária, elabora um universo de significados que demonstram a forma como interagem com os objetos a sua volta, ou como entendem o mundo. Por outro lado, a atividade de brincar demonstra também, como o mundo funciona a volta da criança, por exemplo, quando um adulto compra um brinquedo para uma criança ou quando são fabricados para as crianças. O que implica a necessidade de observar não somente as necessidades que a criança tem com o brinquedo, mas o que o brinquedo tem a ver com a sociedade, ou seja, os brinquedos e as brincadeiras mudam entre as culturas e pelas mudanças históricas. Esta posição é a observação do que é o brinquedo em sua composição histórica, pois, “... o mundo da percepção infantil está impregnado em toda parte pelos vestígios da geração mais velha... (BENJAMIN, 2004, p. 96)”.

O brinquedo e a atividade do brincar, apesar de ser uma situação livre para a criança, não é uma simples satisfação dos desejos infantis. Em sua relação íntima com a criança, a situação do brinquedo envolve principalmente, uma interação entre criança e o mundo que está a sua volta. Exatamente por isso, é “... um grande equívoco na suposição de que são simplesmente as próprias crianças, movidas pelas suas necessidades, que determinam todos os brinquedos. (BENJAMIN, 2004, p. 96 e 97)” Nas necessidades do mundo infantil, existe a percepção da criança do mundo adulto. Vygotsky (2007) atribui a esse momento, em que a situação imaginária do brincar está impregnada de regras sociais, o modo pelo qual a criança



interpreta o mundo. Mesmo que a criança não saiba sobre o sentido destas regras, e que a situação da brincadeira seja somente imaginária para ela, há uma interação entre criança e sociedade muito maior do que a simples satisfação de uma necessidade de faixa etária.

De acordo com Benjamin,

... o brinquedo tem sido demasiadamente considerado como criação para a criança, quando não como criação da criança, assim também o brincar tem sido visto em demasia a partir da perspectiva do adulto, exclusivamente sob o ponto de vista da imitação. (BENJAMIN, 2004, p. 100)

O brinquedo não é caracterizado pela imitação assim como o jogo é. O brincar precisa ser livre, a criança precisa desejar e significar a realidade em sua imaginação. Quantas vezes nós vemos uma criança sempre querendo brincar, muitas vezes querendo repetir a mesma brincadeira. De acordo com Benjamin (2004, p. 102); “A essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer de novo’, transformação da experiência mais comvente em hábito.” É fazendo de novo, brincando de novo que a criança aprende a fazer o ‘como se’. É o propósito do brinquedo, e que de acordo com Benjamin (2004) deve ser empregado na educação de toda a criança. “Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto de maneira lúdica, com o acompanhamento do ritmo de versinhos. (BENJAMIN, 2004, p. 102) ” Ensinar a criança de forma lúdica é um dos objetivos da educação infantil, entendendo o que realmente significa a infância e sabendo de suas relações profundas com suas situações imaginárias. Para tanto, é preciso entender o brinquedo de uma forma específica, que envolve a relação que as crianças possuem com ele na atividade do brincar até o modo como os adultos o produzem.

Estudar a capacidade do brinquedo de promover o desenvolvimento e a aprendizagem da criança segundo Vygotsky (2007), bem como a construção da relação criança-brinquedo-sociedade de acordo com Walter Benjamin (2004) nos faz pensar em uma síntese entre estes dois autores.

Vygotsky (2007) faz uma relação em que a criança usa o brinquedo como uma necessidade de desenvolvimento para a precisa significar o mundo a sua volta e realizar seus desejos, usando a atividade do brincar como uma forma de entender certas regras. Neste sentido, a questão social está envolvida na relação brinquedo e criança, por isso mesmo, o brinquedo é importante no uso da educação para a criança, assim como é usado pela própria, para compreender os objetos e os significados a sua volta. A essência do brinquedo é a relação

que há no momento em que a criança cria uma situação imaginária para simular uma situação real. Vygotsky (2007) defende a posição de que o brincar é uma atividade em que a criança pode realizar seus desejos que no momento (de forma imediata) não são realizáveis. Prosseguindo, “A essência do brincar é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual – ou seja, entre situações no pensamento e situações reais (VYGOTSKY, 2007, p.124)”. A percepção visual da criança é a experiência que ela tira das relações sociais do grupo que ela pertence. Esta conclusão é possível, porque o significado que as crianças dão ao objeto de sua brincadeira é encontrado nas situações reais. Benjamin (2004), apesar de pensar que a essência do brincar não seja o momento de interação entre o pensamento da criança e a situação real, e sim o hábito de brincar ou o gosto pela repetição da ação imaginária, concorda que existe esta relação entre o brincar e as situações reais na interação com a situação imaginária que a criança cria. Segundo Benjamin (2004, p. 94), as crianças “... fazem parte do povo e da classe que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre criança e o povo.” O brincar possui vestígios do mundo adulto, e é uma atividade praticada a partir da ideia que a criança tem destes vestígios. De acordo com Vygotsky (2007) este é um dos paradoxos da brincadeira no desenvolvimento da criança, ou seja, criar uma situação imaginária para poder viver a realidade. Para Benjamin (2004), a concepção de que a situação imaginária e a realidade possuem relação no campo social é possível no sentido em que a criança é entendida como um ser que se forma socialmente.

A atividade do brincar é entendida por ambos os autores como, histórica, social e cultural. Os dois autores demonstram concordar que a criança e o brincar possuem conteúdo social, ou seja, regras, objetos construídos e significados apreendidos, que são captados pela criança na forma como demonstra sua interação com a sociedade por meio do brincar. A relação ‘criança-brincar-sociedade’ é uma forma de facilitar a interação da criança com o mundo de significados e objetos que a rodeiam com intenções pedagógicas. É também uma forma de o educador entender qual a percepção que a criança tem de sua realidade e de aproximação com o mundo da experiência.

Em relação ao brincar e a educação Benjamin (2004) alertará para o cuidado que devemos ter com a atitude de colocar em ordem o universo infantil. E defenderá que a relação que a criança possui com o brincar é uma das melhores formas de educá-la; “Comer, dormir,

vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no irrequeto de maneira lúdica... (BENJAMIN, 2004, p. 102)”. Por isso, a essência do brinquedo para Benjamin (2004, p. 102), “... não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer de novo’, transformação da experiência mais comovente em hábito.” O brincar na infância é uma experiência comovente porque a criança se envolve de forma afetiva, dando vida e propósito à brincadeira, e com esta atitude, ela sentirá prazer e a necessidade de fazer de novo. Vygotsky (2007, p.123) vai de encontro a esta afirmação, com a seguinte definição; “O brinquedo é muito mais lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu do que imaginação. É mais a memória em ação do que uma situação imaginária nova.” O brincar pode se tornar significativo para a criança, se ela quiser brincar de novo, se lembrando da situação imaginária, e por esta constante, a brincadeira pode promover aprendizagem significativa por meio da memória constatada somente pela experiência própria e não imposta da repetição. Neste sentido, o brinquedo é usado como atividade instrutiva, no sentido de evidenciá-lo como uma mágica experiência feita pela criança que se torna ciência, e uma forma de entender a zona de desenvolvimento proximal da criança.

## **COSIDERAÇÕES FINAIS**

Futuras pesquisas poderiam investigar em que sentido o brinquedo pode ser usado para instigar o desenvolvimento social da criança lhe garantindo autonomia para criar a situação imaginária. Educadores poderiam usar as próprias experiências transformadas em brincadeiras pelas crianças para criar, de forma pedagógica, com materiais rudes (caixas de leite, madeira, espigas de milho, etc.) brinquedos, atividades em que a própria criança participaria da criação destes brinquedos feitos com materiais simples. Esta atividade de produzir o brinquedo com material simples promoveria a criatividade e o relacionamento mais afetuoso entre o educador e a criança, e também entre as próprias crianças. Tal propósito dá o direito a criança de criar a representação do objeto no material simples, pois ela constrói o brinquedo, o que combateria de certa forma, a unilateralidade dos brinquedos industriais que vendem a situação imaginária aos montes em pacotes. Assim sendo, é necessário que o educador esteja presente intermediando o momento em que a criança cria seu próprio brinquedo, seu trabalho seria comparado a de um mestre de oficina artesanal de brinquedos, o mesmo que Benjamin (2004) cita em sua obra, resgatando a particularidade da construção de cada brinquedo no sentido cultural. O contato da criança com o material lhe garante uma singularidade na forma de pensar, podem sair desta oficina vários tipos de bonecas, carrinhos, cavalinhos, soldadinhos, etc. Ou seja, é o sinal de que esta atividade pode proporcionar autonomia para a criança por

meio da brincadeira. Este trabalho, analisando as ideias de Benjamin (2004) e Vygotsky (2007) tenta garantir que ações como esta aconteçam no sentido de que não seja observado somente o desenvolvimento e aprendizagem da criança em relação ao brinquedo, mas que ela também se liberte de brinquedos que são construídos com situações imaginárias embaladas pela.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões; a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: ed. 34, 2004.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem/ Lev Semenovich Vygotsky, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev**. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2006.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento num processo sóciohistórico**. São Paulo: Scipione, 1999.

REGO, Teresa Cristina. **VYGOTSKY**. 8º ed. Rio de Janeiro, Petrópolis; Editora Vozes, 1999.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7 ed. In: COLE, Michael; JOHN-STEINER, Vera; SCRIBNER, Sylvia e SOUBERMAN, Ellen. (orgs). Trad. José Cipolla-Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.